

Bernardo Luís B-track

OS

EO Crime



Os Oito e o Crime

NB-Zone-Mania

Bernardo Luis B-Track

Ficha Técnica

Título: Os Oito e o Crime (NB-Zone-Mania)

Autor: Bernardo Luis B-Track

Editora Digital: "ÁGUA PRECIOSA"

Texto: Verdana 12

Capa: Bernardo Luis B-Track

Revisão dos Textos: ISCED-Huíla

Lubango, 2024

Nota do autor

“Você pode ser um suspeito em potência tal como um assassino.”

Índice

Nota do autor	4
Dedicatória	8
Capítulo 1	10
Capítulo 2	16
Capítulo 3	20
Capítulo 4	28
Capítulo 5	34
Inspector Mussassa narrando	34
Capítulo 6	46
Capítulo 7	68

Dedicatória

Dedico este livro a pessoa de quem eu mais tenho assassinado a paciência com os conteúdos das minhas histórias, a minha irmã Naftali Abel (Lay).



As suas expressões de terror ao chegar ao local eram como se tivessem cruzado com o diabo. O mesmo que amassaria pães para eles comerem. — Não fui eu — declarou Giovanna de joelhos perto do corpo ensanguentado. Ela mal conseguia se mexer, apenas tremia de pânico.

Capítulo 1

I

O céu estava totalmente azul naquela manhã, o vento soprava suavemente atenuando o calor insuportável que fazia. O clima do Lubango é meio estranho, ou melhor é muito exagerado, quando é época de frio quase que nem se toma banho, já quando o calor se instala como se em Setembro a terra se tornasse seca e quem vive de cacimbas sofre procurando por água o tempo inteiro.

O bairro do Tchioco, zona da verdinha estava a mesma calma de sempre, tirando o acúmulo de pessoas que estavam enfiladas com bacias e baldes para acarretar água para as suas casas.

— Filho bonito, enche só essa minha bacia, por favor!
— pediu uma senhora que chegava às pressas.

— Está bem, pode meter a bacia aí mesmo — indicou o jovem.

— Obrigado, filho!

— Se você der boleia em mais alguém não vais encher mais, porque nós já estamos aqui há bastante tempo — disse uma senhora impaciente.

— Está bem tia, té a última bacia mesmo — após enche-la e as demais bacias que tinha levado, peguei nos baldes e fui andando. —Que merda! Se começasse a chover não estaria aqui nesta situação. E para variar, o clima não ajuda nem um pouco — reclamava ele enquanto levava os baldes.

— Muito trabalho né? — perguntou Simi sentado na barraca improvisada de um dos costureiros do bairro.

— Yheah mano! Hoje é sábado, dia de limpeza e lavagens.

— Entendo muito bem isso Kambali mas espero que termines logo, antes mesmo das catorze horas.

— Antes Do catorze?! — perguntou surpreso.

— Não sabias do encontro de hoje?

— Com o sol quente de hoje e as cenas que estou a fazer, acabei me esquecendo — disse queixoso. — Mas acabarei mais cedo para encontrar-vos lá.

— Afinal qual será o fim desse encontro?

— Sei o quanto você sabe “Absolutamente Nada”. Agora vou indo para não me atrasar ao encontro sem tema.

II

— E psicologia? Os italianos não costumam apunhalar?

— Admito-o — concordou o detective. — Especialmente se exaltados por uma alteração. Porém, este crime é de espécie bem diversa. Na minha opinião foi muito bem calculado, é fruto de longa reflexão e não, como direi... um crime “latino”. Denuncia antes um cérebro frio e deliberado, um cérebro anglo-saxão. O investigador apanhou os dois últimos passaportes e disse:

— Ouçamos agora Miss Debenham — Kenny lia vagarosamente o livro Assassinato no Expresso do Oriente de Agatha Christie. Ele imitava as vozes de cada personagem a fim de dar mais vivacidade à sua leitura.

Procurava uma posição que lhe facilitasse ler porque ler num computador e na cama provocava algum desconforto no decorrer da leitura. — Bem que eu sabia que o italiano

tem tudo haver com o assassinato — tirou os óculos e limpou os olhos humedecidos pelo calor. Parou a leitura por um momento e resolveu consultar o seu facebook. Entre as mensagens havia também a de Natarith. “Wey! O encontro ainda será no Millennium?”.

Mensagens

— Sim mano, não houve mudanças.

— Pogas! Estava preocupado. Liguei ao Kambali, mas o gajo não atende.

— Deve estar ocupado mano... Com esse calor vai se lá saber.

— É bem provável. Estou a levar dinheiro pra uma urgência. Mas do que se trata realmente esse encontro?

— Também estou curioso. Pelo que sei, além de você e o Kambali e Telma também estará lá.

— Melhor avisá-la para levar uns trocos.

Kenny sorriu antes mesmo de responder a mensagem.
— Está bem vou avisá-la.

— Então até depois — disse Natarith finalizando a conversa.

III

Ele revirava o quarto a procura de algo ideal para vestir, quando ouviu o bater do portão. Do seu quarto até ao portão do quintal era bem próximo, por isso ele ouviu as primeiras três batidas. — João! Vai abrir o portão — gritou sua mãe que estava na sala de estar.

— Já vou, mãe — respondeu saindo do quarto às pressas.

Abrindo o portão, lá estava Giovanna na companhia de Carlito. — Essas caras de óbito porquê? — perguntou João.

— Eu odeio esperar e mesmo assim você demorou — disse Giovanna impaciente.

— Por conta disso ela começou a aprofundar a minha mente com reclamações... “Clone” — disse baixinho.

— Repete o que você disse — Você gosta de confusão... Também já está quase na hora do encontro. Falando nisso qual é o objectivo do mesmo? — perguntou enquanto passavam o portão para dentro.

— A Seke chegou recentemente de viagem e quer estar connosco, aquela nostalgia dos amigos.

— Tanto mistério para isso?! — disse Giovanna meio desapontada.

— Devias agradecer porque ela te livrou de ter um sábado entediante. Além disso, ela vai pagar a comida.

— Tens a certeza do que falas?! A Seke nem mesmo trabalha, onde tirou dinheiro para nos mimar? — perguntou Carlito muito surpreso.

— Essa viagem deve ter feito o tal “Efeito Money” nela — respondeu João rindo. — Sentem vou só terminar de vestir.

— Efeito Money... Boa tarde tia! — cumprimentou G.O com é chamada pelos amigos.

— Estão bem? — perguntou a mãe e os dois responderam em coro e retribuíram a pergunta de volta cuja resposta foi afirmativa. Depois de alguns minutos João saía do quarto com um guarda-sol para os proteger da radiação. — Até logo mãe! — despediu-se pondo os pés na estrada a caminho do Millennium.

Capítulo 2

I

A essa hora já devo estar atrasada — disse para si mesma. — E esse táxi que não anda. É mesmo assim que acontece, toda vez que você tem um encontro, os táxis parecem-se com tartarugas ou demoram para aparecer. Andar pela cidade do Lubango aos finais de semana é muito difícil — Telma tentava sair do bairro da Mitcha. Eram treze e vinte. Ela tinha a mania de chegar pontualmente aos encontros que marcava, mas desta vez parecia que ia se atrasar. — Moço, podes abrir a tua janela, por favor!

— Yheah dama — respondeu.

O táxi andava, o condutor e o gerente estavam de trabalho e queriam encher os bolsos, por isso, após passar a rotunda da Minhota, a Rádio Mais e à escola Estrelas da Huíla, virando à direita resolveram parar na tentativa de aumentar os seus passageiros.

— Gerente, temos compromissos — gritou um jovem. Telma ficou feliz mesmo não fazendo isso transparecer. Alguém a poupou-a de abrir a boca. Voltou novamente para o telefone. Verificava constantemente os minutos.

Ela teria que caminhar até chegar ao Millennium, pois tinha que parar no Governo Provincial e descer. — Pogas! Aquela vaca vai me pagar — disse esticando os lábios.

O gerente que não ouvira as reclamações porque estava longe, voltava com dois passageiros. Depois disso partiram e ela finalmente chegou à sua paragem. Desceu e logo avistou alguém conhecido. Ela fez um sinal e ele rapidamente se aproximou e a envolveu nos seus braços.

— Estava com saudades! — disse Telma.

— Eu também meu amor.

— Se tivesses mesmo já resolverias essa situação — saiu do conforto do abraço.

— Eu prometi que resolveria isso hoje e assim vais ser. Também estou cansado de namorar às escondidas.

— Antes temos que falar com a Seke, ela não pode contar nada ainda.

II

Após um breve banho de bacia, Natarith tinha o corpo fresco. Ele saíra de casa as treze e trinta. Muito antes disso recebeu uma chamada do Kambali avisando que talvez não apareça ao encontro devido alguns afazeres, mas que faria de tudo para lá chegar mesmo que fosse tarde. Como não

passavam táxis que iam a Maringa, ele resolveu subir num que ia ao Arco-Íris, no intuito de parar na nova Marginal e caminhar até ao local. Já faz um tempo que o carnaval Eleitoral se passou, mas essas bandeiras ainda continuam aqui — passou por uma área que as tinha. Ele andava rapidamente, mas sem perder um mínimo detalhe.

Pelo caminho, viu alguns jovens fazendo apostas para os jogos de sábado, casais conversando naquele dia ensolarado. — Kenny! — gritou ele o reconhecendo.

— Mekié mano? Pensei que fosse o único atrasado.

— Os táxis demoraram muito por isso o atraso — passavam a passadeira já vendo o Millennium. Um grande edifício de cor amarela, erguido pelo colono, porém muito bem conservado. À sua esquerda uma estrutura diferente e o Tribunal a sua frente — Mas isso é o quê? — perguntou Natarith apontando para a estrutura que está frente a frente ao local.

— É um memorial ao Bispo João II. Foi aqui onde ele falou algumas coisinhas às famílias — explicou Kenny.

— Onde você aprendeu isso?

— Está mesmo escrito ali — disse rindo e os dois entraram no grande Millennium.

III

Simi ficou vendo à exposição em homenagem ao Dr. António Agostinho Neto que se esqueceu do encontro que tinha. Por sorte, estava no mesmo local. Saindo de lá às pressas, passou pela segurança sem tê-lo cumprimentado, algo que não é característico dele. Subiu as escadas em saltos, virou à esquerda e logo viu uma mesa com caras conhecidas e outras nem por isso. — Boa tarde!

Todos os responderam, mas mesmo assim ele resolveu dar um kule a todos. Ali estavam, Telma sentada ao lado do Kenny, Natarith à esquerda de modo que a Telma ficasse no meio, João e Carlito fizeram a mesma coisa. Simi sentou entre Natarith e Cartilo. A mesa escolhida era a mais afasta, que os deixa apenas com uma visualização frontal do espaço.

Eles abriram a roda de conversas falando do clima e das dificuldades de se conseguir água. Porém o que eles mais falavam foi do tal encontro sem pé nem cabeça até aquele momento, porque pouco se sabia do mesmo. Além disso Seke estava atrasada. Já eram 14 h 20.

Capítulo 3

I

Seke chegava finalmente com a maior naturalidade de sempre. Levantou logo o braço e largou um sorriso. Se dirigiu à mesa pedindo logo desculpas pelo atraso. — Bem! Sei que estão muito curiosos pelo convite — tirou o postigo do rosto e continuou. — Muitos não se conhecem, mas pela minha demora vocês já devem ter interagido o suficiente para me poupar de apresentá-los uns aos outros — todos se olharam. Seke estava séria, o que deixou os outros ainda mais preocupados.

— Porquê que vocês acham que eu os chamei? — perguntou ela.

— É isso que nós viemos saber. — respondeu Giovanna.

— O que todos nós temos em comum?

—Nesse momento “Fome” — respondeu Carlitos e todos se riram quebrando o mau clima.

— Isso eu concordo — disse João. Para fortalecer a conversa eles pediram hambúrguer o cartão de visita da Suculenta. Enquanto esperavam pelo pedido voltaram à conversa. — O que temos em comum é que todos aqui

presentes escrevem e eu pensei em fazermos uma Antologia nossa — disse por fim.

— Hum! Essa é uma boa ideia! — elogiou Telma.

— Afinal valeu o mistério em torno disso — desabafou Natarith.

— Eu estou dentro — disse Simi.

— Eu também estou... Posso ficar responsável — disse Kenny se responsabilizando de antemão.

— Isso vai ser interessante — João colocou as mãos por detrás da cabeça.

— Se todos estão dentro eu não posso ficar de fora — Giovanna foi a última a entrar.

— O Kambali? — perguntou Seke.

— Ele ligou para mim e disse que talvez não apareça, mas vai fazer esforço de aparecer.

— Está bem. O telefone dela tocou. Era uma mensagem. — Desculpa tenho que fazer uma cena aqui mesmo, não demoro — Seke se retirou.

II

— Ela mal chega e já sai! essa daí tem mau hábito — disse Giovanna que desde que foi convidada apenas reclamava.

— Eu quero usar o quarto de banho — disse Cartilo. — Esse não está aberto, vou para o debaixo — foi ele.

— Epah! Esse pedido está a demorar. Enquanto vocês esperam eu vou dar uma olhada na exposição que está fora — disse Kenny saindo também minutos depois do Carlito.

— Deixa lá disso, páh — Telma chamou-a a atenção. Eu também quero usar o ATM. Quero fazer uma transferência.

— Vais nesse do BCI? — perguntou João.

— Esse não tem papel, vou lá em baixo — disse saindo deixando alguns minutos passar após a saída de Carlito e Kenny.

— Eu quero ver uns artigos de bebés... Só não sei onde ficam — disse Natarith.

— Felizmente eu sei onde ficam — respondeu Simi. —, vamos que eu te mostro.

— Já estou irritada, vou apanhar ar — saiu Giovanna.

— Ao menos fico com toda a comida — afirmou João, feliz.

Minutos se passavam e ninguém voltava. Para a felicidade de João a comida chegara mesmo a tempo. Assim que ele levava a comida à boca viu alguém; era o Kambali que chegava às 15h15. Ele estava meio perdido na Suculenta procurando pelo grupo. João fez o sinal que ele rapidamente entendeu e se dirigiu até lá. — Como é que é? — disse dando um kule.

— Na boa — respondeu com comida na boca.

— Os outros?

— Saíram já faz alguns minutos. Ah! Aí está a Telma — disse vendo Telma voltando.

Natarith chegava sozinho. Em seguida chegava Carlito e depois Kenny. Simi voltava meio desgastado. Só faltava Giovanna.

— Cadê a Giovanna, João? — perguntou Kenny e Telma o olhou de um jeito estranho.

— Disse que apanharia ar. Comem! A Seke está a demorar não acham?

— É verdade. O tempo não anda a nosso favor — respondeu Carlito.

— Melhor ligarem para ela — apelou Telma.

— Ela não atende.... Ouviu-se um grito e todos no Millennium ficaram preocupados. O grito vinha de um dos corredores. Passando à loja da Massonjo. Por isso foi fácil saber ao certo de onde vinha, até todos se levantarem e correm em direcção ao som. No final de um dos corredores já próximo às escadas que dão acesso ao andar de baixo.

As suas expressões de terror ao chegar no local era como se tivessem cruzado com o diabo. O mesmo que amassaria pão para eles comerem. — Não foi eu — declarou Giovanna de joelhos perto do corpo ensanguentado. Ela mal conseguia mexer-se, apenas tremia de pânico.

Seke estava ali, morta, com os olhos abertos com uma expressão de surpresa. Quando o grupo chegou já haviam pessoas, mas eles pediram que se afastassem porque se tratava de amigas.

— Giovanna! — chamou Telma sem acreditar no que via.

— Não fui eu, juro pela vida dos meus pais — disse virando a cabeça.

— Mas como você veio parar aqui? — perguntou João.

— Eu, eu, eu... — gaguejava ela.

Enquanto os amigos se preocupavam em tirar a amiga daquela situação, lá fora ouvia-se o som de sirenes. Era à polícia chegando. Os responsáveis do local ficaram preocupados e logo chamaram à polícia.

III

Sem perder mais tempo eles dirigiram-se ao local. O sangue já começava a coagular no chão e viam-se gotas na parede de tinta creme. Giovanna com sangue nas mãos. Porra, a cena não podia ficar pior. — Afastem-se isso não é uma festinha — disse um Polícia arrogante. — Esses merdas só estão aqui para partilhar nas redes sociais — ele não estava errado de facto porque alguns faziam fotos a fim de meter nas redes e mostrar para familiares e amigos só para dizer “eu estava lá e vi com os meus olhos”. Após todos se afastarem, os oito ficaram por lá, mas vendo tudo à distância porque não lhes era permitido chegar mais perto da cena. — Então o que houve aqui? — perguntou o policial arrogante iniciando à conversa com Giovanna.

Ela ainda estava em pânico e não sabia por onde começar. O polícia engoliu saliva e revisou mentalmente os seus códigos de actuação nesse tipo de situação e disse: — sei que não é fácil de lidar com o ocorrido, mas eu preciso de saber o que aconteceu.

— Não, não, não sei... Não, não, não fui eu. —
Giovanna parecia um disco arranhado, repetindo os mesmos
dizeres.

— Ao menos conhece-a?

— Sim. É minha amiga.

— Oh! E o que faziam aqui?

— Tínhamos um encontro marcado — disse voltando ao
seu estado normal ao menos é o que parecia. Giovanna era
baixinha, de rosto oval, peitos pequenos, mas com uma
bunda redonda. A fula do grupo.

— Hum! Só vocês as duas?

— Não. No total oito convidados.

— Está bem. Espera um momento — respondeu rápido
porque tinha que atender o chamado dos colegas. Eles
ficaram falando por minutos. Fizeram fotos e em seguida
removeram o corpo dali.

O polícia falou com um dos responsáveis do local. Ele
precisava de um espaço para falar com calma com a jovem
Giovanna. O responsável cedeu-lhes à Texto Editora, visto
que não estava em uso e não ficava muito longe da cena do
crime.

— Daqui a pouco chegará um investigador do S.I.C para receber o caso. Infelizmente isso me parece um caso de assassinato — informou ele com o rosto queimado de tanto estar exposto ao sol dos locais onde certamente passava. Bochechudo, com um metro e sessenta e sete de altura. E aquela barriga que a sua mulher talvez amasse passar às mãos.

— Eu a matei?! — perguntou roendo as unhas.

— Isso é o que as investigações vão nos dizer... Mas eu já vi algumas cenas parecidas — não terminou o que quis dizer. — Você só precisa dizer a verdade.

Capítulo 4

I

Eles tinham sido chamados. Serviço de Investigação Criminal (S.I.C), porém não podiam dar muito nas vistas para não chamar muito a atenção. O investigador Mussassa estaria encarregado de levar o caso até ao final. Chegou acompanhado de dois colegas, que apenas estavam de coletes. Uma mulher baixinha forte e um homem magro de cabeça quadrada. Eles percorreram o Millennium até chegarem à sala.

— Você só precisa dizer a verdade.

Giovanna assustou quando viu a porta se abrir. — Boa tarde, colega!

— Boa tarde, chefe — o outro era superior a ele.

— Tem alguma informação?

— A jovem aqui conhecia a morta — disse sem usar eufemismo nenhum.

— Hum!! — olhou a bem.

— Também havia outras pessoas convidadas para o encontro (na Suculenta/hamburgaria) — informou ela.

— Quero que vocês os mandem esperar por mim, enquanto falo com ela. — ordenou ele e os três saíram.

— Então! Já estás mais calma?

— Um pouquinho.

— O que aconteceu? Conta tudo — disse puxando uma cadeira para se sentar, encarando ela sentada com as mãos no colo, o que demonstrava um grande nervosismo. Além disso, Mussassa é corpulento, moreno de olhos pretos gigantes. Um metro e oitenta, mãos grandes... E a sua voz era grossa.

— Bem! Recentemente recebi uma mensagem da Seke, ela disse que tinha coisas para me dizer, mas que só me diria se eu viesse nesse encontro. Eu não sabia do que se tratava até o João me dizer pessoalmente... Não, antes disso descobri que o João e o Carlito também estariam aqui e foi assim que combinamos sair juntos é aí que ele me contou.

— E o que aconteceu depois?

— No encontro? — ele abanou a cabeça em sentido afirmativo. — A Seke tinha convidado outras pessoas que eu não conhecia. Mas por fim ela disse o que realmente queria de nós. Ela recebeu uma mensagem e saiu, depois de alguns minutos eu a encontrei.

— E como você chegou exactamente onde ela estava?

— Eu, eu, eu juro que não fui eu — disse chorando

— Por agora é tudo... Tudo será investigado, mas por agora você é a maior suspeita.

— Mas eu — chorava sem parar. O investigador Mussassa deixou-a sozinha e foi falar com o resto do grupo. — Todos vocês são suspeitos do ocorrido, por isso eu vou querer a vossa máxima colaboração nesse caso.

Os jovens olharam-se em pânico e simplesmente concordaram com ele. — Amanhã eu quero vocês aqui às 07: 30 para depor.

As expressões de burros não saiam de suas caras. Medo! Não é todos os dias que se está envolvido num crime. Eles foram liberados. Giovanna foi levada a uma esquadra onde passaria a noite. Mussassa ficou ali para estudar o local "Passar um pente fino". Entrou, passando pelos quartos de banhos à esquerda. A sua frente uma espécie de lagunho com uma ponte que dá acesso ao outro lado. Virando à esquerda, passando à loja da Unitel, virou a cabeça para à direita, vendo um quiosque com cadeiras e mesas de alumínio e um posto de iluminação de três lâmpadas; à luz aumentava o brilho do lugar. O tecto pintado de azul, uma

cópia do céu diurno. Ao andar por lá você tem a sensação de estar fora.

Ao lado do quiosque há um elevador que já não funciona a bastante tempo. A seguir uma bancada de livros de Direito e mais um posto de iluminação, à frente uma loja de acessórios de telefones. À esquerda a porta de saída. Continuando, passa a loja de acessórios, o Banco BAI... Uma escadaria e por fim, já à esquerda, a Suculenta. Via tudo com a maior calma possível. Não sabia a mesa onde eles estavam, então fiz o percurso até o local do crime.

Passei à loja da Massonjo frente a frente ao Banco BCI. Virei à direita e segui em frente. O corredor que segue recto, uma curva à esquerda. O corredor a seguir é pacato, a antiga Texto Editores fica logo seguir a uma Agência de Consultoria. Duas portas à esquerda que possibilitam visualizar o andar de baixo e à direita lojas por se arrendar.

Mais três portas, sendo a terceira maior. Por intermédio desta chega-se ao outro lado do edifício. Seguem-se lojas e a OCPCA — Ordem dos Contabilistas e Peritos Contabilistas de Angola. A frente a Luba-Tech, logo a seguir uma escadaria do lado esquerdo... Gaiolas para pássaros numa lojinha bonitinha de animais. Seguindo frente o corredor do crime, longo com portas e janelas rectangular e quadradas a direita; paredes brancas. À esquerda, paredes de cor creme

e janelas de madeiras castanhas. Ainda havia respingos de sangue da véspera. Em frente, um pilar onde ela sofreu a pancada. Luzes no tecto.

Quem está em baixo não consegue notar o que acontece por lá. Mas lojas... Uma de decoração desta vez. Fiquei apreciando o lugar duma janela. Os laguinhos vistos de lá de cima ficam mais bonitos com as mudanças de cores das luzes.

Loja de materiais escolares, outra porta enorme que dá acesso ao outro lado; está fica ao lado do elevador. À esquerda após à loja, outra escadaria que leva ao andar de baixo, saindo próximo ao Banco B.F.A.

II

O mambo todo foi noticiado pela TPA. Mussassa preferiu ficar longe das câmaras. Um dos seus colegas é quem explicou. Segundo as análises ela morreu devido a um traumatismo craniano, causado por uma forte pancada.

— E se ele descobrir que estivemos juntos? — perguntou Telma.

— Calma! Esse mambo não vai dar em nada. Você já deve saber como são as coisas aqui — respondeu.

— Ainda assim tenho medo. Nós...

— Não fizemos nada. É só ficares calma e contar as coisas pulando algumas partes.

— Está bem.

Capítulo 5

Inspector Mussassa narrando

I

Eram pontualmente sete e trinta quando cheguei ao Millennium para falar com os putos sobre o caso. As lojas começavam a ser abertas, assim evitada chamar muita a atenção das pessoas. O jornal nas paredes da antiga Texto Editores ajudava a meter tudo sob o maior sigilo.

Pedi que o meu colega para que ficasse na responsabilidade de vigiar os outros, porque receberia um a um na sala. Como eu esperava, eles não combinaram de chegar juntos. Chegavam a minutos diferentes. Primeiro foi um clarinho, um metro e sessenta e sete, magro, cabelos negros. Mas tarde soube que o seu nome era João.

Como não podia desperdiçar o tempo começamos logo.

- Então como foi a noite?
- Depois Do ocorrido mal consegui dormir.
- Acontece muito, quando se está envolvido num assassinato.
- Assassinato! Não. Eu acho que foi um acidente.

— Traumatismo Craniano — disse Mussassa, inclinando a cadeira para trás. — Segundo as conclusões dos exames feitos, a coisa não foi um acidente. — disse voltando a cadeira para frente — Agora conta o que aconteceu.

— Eu não fiz nada. Tudo o que eu sei é que tínhamos um encontro marcado para às quatorze horas. Eu, a Giovanna e o Carlito fomos os primeiros a chegar ao local. A Giovanna escolheu a mesa mais afastada por causa do barulho. Ficamos esperando alguns minutos e chegou uma moça (Telma) e depois os outros. Seke atrasou e de seguida recebeu uma mensagem e saiu porque tinha que resolver um assunto... — explicou sem terminar.

— E depois? — perguntou meio aborrecido

— Os outros se levantaram e saíram. Na verdade, a comida estava a demorar e eles resolveram sair — disse o mais natural possível.

— Então todos saíram — Mussassa disse para si, mas João acabou ouvindo.

— Sim. Todos saíram.

— Sabes me dizer a ordem de saída?

— Hum! Após Seke, Carlito foi o primeiro a sair, depois Kenny, Telma, Natarith e Simi saíram junto e por fim a Giovanna.

— Conseguiu ver o caminho que cada um deles seguiu?

— Não, não. A mesa é tão afastada que apenas víamos o papel publicitaria da Suculenta.

— Isso é realmente interessante! — levantou. — Você acaba de deixar as coisas mais picantes.

— Como assim!? — perguntou sem perceber.

— Todos saíram. Todos saíram.

— Não entendi.

— Não te preocupes. Quantas pessoas foram convidadas?

— No total oito.

— E a oitava pessoa?

— O Kambali. Ele chegou muito tarde. No final ele acabou me fazendo companhia.

— Obrigado pelas informações, João. Preciso de falar com o Kambali. Podes chamá-lo ele por mim caso já tenha chegado.

— Sim — disse e o deixou lá em pensamentos.

II

Kambali entrara na sala com muito respeito, pedindo licença. Após receber a permissão, entrou finalmente e sentou-se. Mussassa estava virado de costas quando ele entrou. — Kambali! — chamou. Virando-se para o rapaz.

— Sim — respondeu calmamente o arqueado. Forte de rosto redondo e olhos puxados.

— Saberias explicar o que aconteceu no dia de ontem.

— Infelizmente não serei de grande ajuda. O Simi avisou-me mais cedo do encontro.

— E como eles se conhecem?

— Fui eu que os apresentei num dia desses. De lá para cá criaram laços.

— Está bom. Continua.

— Estava então ocupado que não deu jeito de sair mais cedo. Mas antes recebi várias ligações de Natarith. Pela insistência, sabia que ele provavelmente também estaria nessa, então liguei-o, avisando que atrasaria.

— E depois?

— Cheguei e fui directamente à loja da Massonjo comprar saldo — tirou do bolso um papel. Mussassa deu uma olhada e ele voltou a meter o papel no bolso — fiquei perdido até ver um rosto conhecido. Foi quando fiquei conversando com o João quando os outros chegavam.

— Podes dizer a ordem de chegada?

— Bem! Acho que veio primeiro uma moça, Natarith, um jovem magro, Kenny e Simi. Depois ouvimos o grito.

— Hum! E quantas pessoas foram convidadas?

— Não tenho bem a certeza, mas acho que foram oito.

— Obrigado!

— É o máximo que posso fazer. Ela era uma boa amiga — lamentou.

— Lamento por vocês, mas vamos resolver esse caso.

Antes que o próximo entrasse, Mussassa ficou analisando as pequenas informações que tinha. — Todos saíram. Os dois saíram juntos e voltaram separados. Hum! O que eles fizeram no caminho? Caso muito estranho! Esses dois nada têm haver com o crime. O primeiro tem álibis sólidos tal com o segundo e nenhum mostrou motivos para mata-la.

Mas houve alguém que chamou a minha atenção ontem. Além disso houve muita demora da parte de todos os que saíram. Hum!

III

— Com licença! — disse o policial interrompendo o momento de reflexão.

— Sim pode entrar.

— O jovem já está pronto para falar.

— Excelente! Deixa-o entrar.

— Está chefe.

Carlito andava calmamente após ser chamado. Magro, mas estiloso. — Pode se sentar. — Ele obedeceu e sentou. — Onde você estava durante o crime? — ele foi direto ao ponto.

Carlito coçou o cabelo afro brilhante e cuidado. Ele procurava responder, mas a sua cara magra ficou mais pálida. — Estava no W.C. — disse nervoso.

— Quanto tempo se leva a usar o W.C? Um minuto, dois talvez. Usando o W.C próximo levaria esse tempinho e você chegaria muito antes do Bernardo, coisa que não aconteceu visto que ele ficou com o João até você chegar.

Onde você estava? Cometendo um crime? — disse mais sério.

— Não foi isso o que aconteceu... — respirou fundo e recomeçou. — Nós estávamos esperando a comida quando a Seke recebeu uma mensagem, pediu licença e saiu.

— A mensagem! — exclamou. — E em seguida você a seguiu e a matou. — afirmou ele.

— Não, não, eu fui ao W.C como disse.

— João disse que só poderiam ver o papel publicitário da Suculenta e, por acaso, este fica na parede entre o W.C e o resto do local. O mais curioso é que ele não viu aonde ninguém foi.

— Isso aconteceu porque usei o W.C de lá em baixo.

— E porquê tal escolha se este fica mais distante do local?

— Bem! É que o W.C de cima estava fechado.

— Ham! Entendi. — disse parecendo desapercibido. — Mas mesmo assim houve muita demora.

— É que estava com dores de barriga.

— Alguma vez você já usou base, aquelas coisas que dão um ar de fantasma as mulheres?

— Que pergunta estranha. — disse confuso.

— Não é só uma curiosidade. Tens uma cara tão pálida.

Ele ficou meio constrangido, não sabia se era um elogio ou algo do género. — É a situação em que nos encontramos. Nunca pensei que estaria envolvido num crime e nem ser investigado. E com relação a essas coisas que as mulheres metem nas suas caras sem sempre elas ficam parecendo um fantasma como o senhor disse. — Sorriu. — As vezes são tão subtis que mal se dá conta que elas estão usando.

— Ninguém nunca espera por isso. As mulheres estão sempre atrás de mais beleza — surgiu uma conversa de beleza feminina repentinamente. — Agora podes me contar como foi a tua chegada aqui?

— Eu, a Giovanna e o João combinamos vir juntos visto que tínhamos recebido o convite...— interrompeu ele.

— E como estava a Giovanna nesse dia?

— Estava bem, mas reclamando muito.

— Hum! Sobre o quê?

— Sobre o encontro. Tudo lhe parecia estranho — Mussassa abanou a cabeça lentamente mostrando que havia entendido. — Nós os três chegamos antes de todos. Depois

os outros chegaram e ficamos na conversa até Seke chegar. O resto já disse no início.

— Então vocês ficaram esperando simplesmente.

— Sim senhor.

— É tudo e obrigado pelas dicas — piscou o olho direito.

— Disponha — disse rindo.

— Poderia chamar o polícia por mim?

— Com muito prazer.

IV

O polícia colega entrou após ser chamado. Logo viu a cara de desespero do colega que olhava fixamente para um bloco de anotações que o mesmo trouxe para registrar tudo o que seria dito.

— Então como vão as coisas?

— Esse caso está sendo uma dor de cabeça. Se não fosse o meu interesse pessoal pelo caso já dava essa cena como encerrada. Mas tem uns mambos que não encaixam.

— O que aconteceu?

- Os putos estão a mentir de cara dura.
- Então você acha mesmo que um deles é o assassino?
- É claro. Esses putos hoje em dia matam por qualquer coisa.
- O mundo anda muito violento chefe — desabafou.
- Eu nem sou muito de ir à igreja, mas pelo pouco de sei as coisas vão piorar. Preferia morrer no dilúvio do que ver o amor se esfriar assim como diz as escritoras... Essa promessa do arco-íris acaba sendo uma desvantagem.
- Acho que o chefe tem razão... Mas sobre mentiras. Notei algo suspeito em dois dos nossos convidados — disse como um fofoqueiro de meia tigela.
- Anda logo e abre essa boca.
- Aquela jovem e o rapaz de óculos parecem se conhecer de outras bandas.
- Porquê dizes isso?
- Eles estão muito próximos sempre trocando olhares.
- Não se pode levantar suspeitas com base nesse tipo de argumento.

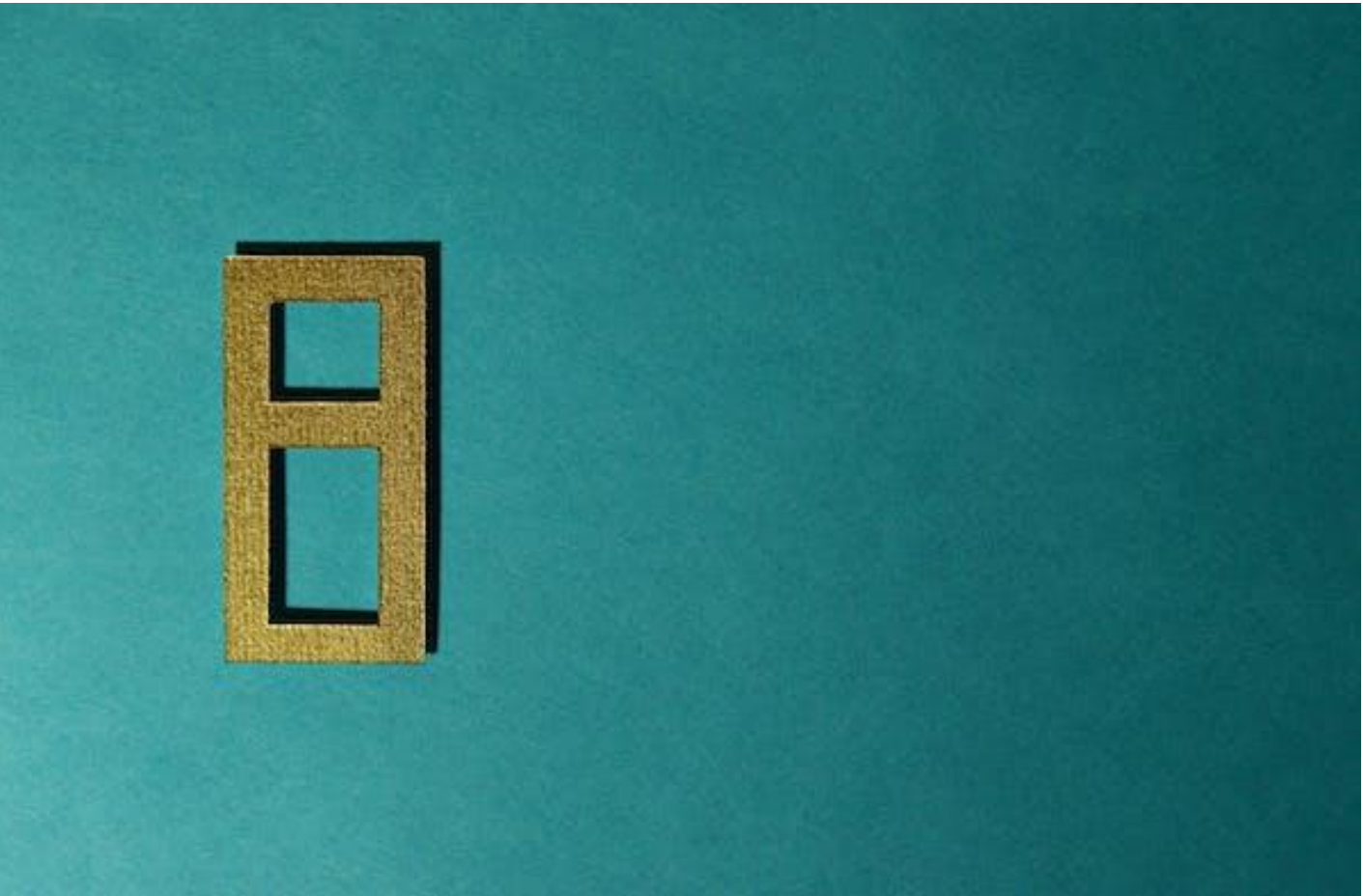
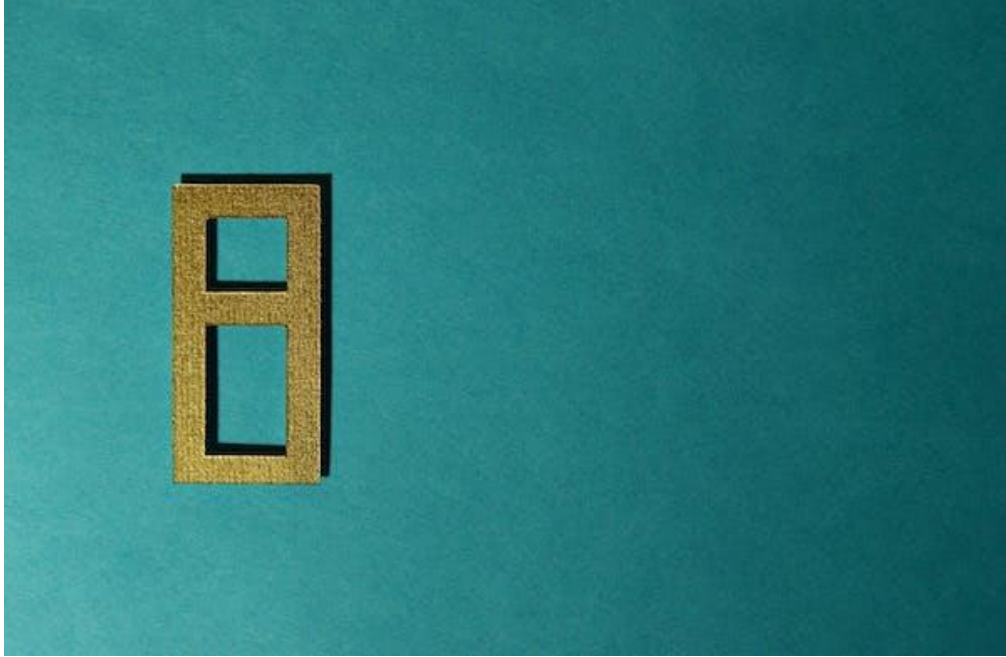
— Eu sei do que falo — disse sério. — Sou o mais velho. A minha filha mais velha andava quase sempre com um gajo que apresentava como colega, mas eu via que os olhares eram estranhos. O rapaz fingia bem. Sempre bem apresentado e com cadernos nas mãos para estudar. Uma semana depois, a minha filha estava grávida. Eu quase matei aquele gajo. Como vês não dá para ignorar olhares. Eles demonstram desde raiva, à paixão e no caso deles é paixão.

— Se isso for verdade... Tenho uma ideia. Chame a jovem aqui e diz aos outros para aparecerem aqui amanhã.

— O que o chefe tem em mente?

— Se eles realmente estão numa relação ou algo do género, vou fazer parecer no interrogatório do gajo que ela disse algo e se cair no jogo a tua suspeita estará certa.

— A mim parece uma boa ideia chefe.



Capítulo 6

I

O clima do outro lado estava calmo. Cada um no seu canto, agora pareciam todos assassinos. Os que ainda não tinham sido chamados encaravam os outros de forma estranha... Olhares desconfiados. Telma, a única mulher ali, estava ao lado de Simi, olhando para Kenny que estava a sua frente. João e os outros também estavam ali sentados. Foi-lhe cedido um lugar na Suculenta para esperarem a chamada.

— O que vocês estão a achar disso tudo? — perguntou Carlito.

— Muito desconfortante... Porra! — disse Natarith num desabafo.

— Eu entendo, mano. Também estou arrependido de ter aceitado o convite. — Simi olhava fixamente para à mesa vermelha da coca-cola.

— Acalmem os ânimos! Isso não vai ir longe — apelou Bernardo olhando para o chão.

— O que te lava a afirmar isso? — perguntou Kenny, posicionando bem os óculos.

— Ele tem razão. Tivemos uma conserva estranha de make up, no que isso vai ajudar? Ninguém aqui é assassino — Carlito batia os pés enquanto falava.

— Assim a Giovanna vai ficar na kuzú (pressão)? — perguntou João nervoso.

— Quanto a isso... Pode ser que ela seja solta por falta de provas...— respondia Kenny.

— Ou talvez ficar lá por muito tempo né? — disse João. — Você sabe como as cenas aqui funcionam.

— Os pais dela não vão aceitar isso na boa — Telma falou finalmente. — Se ninguém é o culpado, vamos ajudar...— silêncio, foi o que se ouviu na hora. O ambiente voltou a ficar perturbador novamente... A música tocava, as pessoas chegam, outras se iam, enquanto outras conversavam, comiam e sorriam.

— Assim será — respondeu Simi.

O policia chegou. O clima já não podia piorar mais. O gajo tossiu para chamar a atenção. — Tenho informações para vocês — falou daquele jeito que os polícias falam; rigidez mista com profissionalismo. — Os que já falaram podem ir para casa. Bem! Com exceção da menina aqui que será a última a falar, o resto pode ir.

— Eu! — disse admirada.

— Você mesmo.

— Está bem... Fica bem! — disse Kenny.

Telma e o polícia partiram dali vagarosamente, deixando os outros para trás. Ela encontrara Mussassa sentado na mesa que ali se encontrava, olhando fixamente para as paredes como se tivesse olhos de raios X que atravessam corpos opacos à luz. — Pode entrar.

— Está bem — disse sentando-se.

— Ficar entre muitos homens deve ser desconfortante né?

— Nem tanto. Até que já estou habituada a esse mambo. Desculpa!

— Pelo quê? Deixa para lá. Quero uma ajudinha com esse "mambo".

— Ficarei feliz em ajudar.

— A Seke usava *make up* na véspera... Mas aquelas coisas não saem?

— Saem sim. Em contacto directo com roupas podem sujar feio. Mas uma pessoa está presa e o senhor fala em

make up! Que tipo de trabalho é esse o vosso? — disse meio irritada.

— A partir de agora serei totalmente objectivo. Telma, não é?

— Sim, sou.

— Testemunhas afirmaram que antes da morte da senhorita Seke, você ausentou-se por instantes. E poucos minutos da vossa chegada ouviu-se o grito. Seria você quem esteve lá na cena do crime?

— Eu me ausentei sim, mas não matei ninguém em hipótese alguma.

— E onde estava você no momento em que decorria o crime?

— Fui ao ATM do Banco BAI fazer uma transferência.

— O comprovativo?

— Não, não, não o trouxe, quer dizer, esqueci.

— Como é que alguém se esquece de algo tão importante? Não sabias que ele a deixaria fora de suspeitas?

— Sabia, mas o clima deixou-me agitada e acabei esquecendo.

— Sendo assim continua como suspeita. E o ATM do BAI se aqui em cima tem o do BCI porquê?

— Não tinha dinheiro nem papel.

— Sim, sim. E com quem você chegou?

— Cheguei sozinha. E antes que pergunte já havia encontrado lá outras pessoas — tentava evitar perguntas.

— E os conhecia? Falo de todos que ali estavam.

— Ninguém. Não conheço o Kenny

— Amigos de longa data?

— Não — disse nervosa.

— Parece que ele se importa muito com você, por isso a pergunta. Até parecem namorados.

Ela tossiu até ficar vermelha. — Namorados? Não, não, somente amigos.

— Vamos voltar à Seke e à Giovanna. Como as duas estavam?

— A Seke estava bem. Inclusive ela teve uma grande ideia de fazermos um livro em conjunto... Esse livro será em homenagem a ela — disse com lágrimas nos olhos.

— Eu sei que farão um bom livro — Mussassa motivava-a para poder tirar mais informações da sua boca.
— E a Giovanna?

— Ela estava bem, mas reclamou de umas cenas que “nada haver”. Tive que a repreender mesmo, mas isso não a torna assassina. Ela vai ficar muito tempo na prisão?

— Não seria profissional da minha parte dizer isso, mas ela está numa posição nada boa. Ela foi encontrada ao lado do corpo... “a ocasião faz o ladrão e cena do crime o assassino”. Mas nós estamos aqui para resolver esse “mambo” se lhe serve de consolo.

— Obrigado!

— De nada!

Telma saiu da sala e fez no caminho até a sai do Millennium. Eram já 12 horas e poucos minutos. — Como foi? — disse o policial chegando.

— Produtivo — respondeu com brilho nos olhos.

— Pogas, chefe. Não podes avançar mais detalhes?

— Mentiras, mentiras e mais mentiras. Eles estão nessa até ao pescoço. Sobre o suposto namorico dos dois, você pode ter razão.

— O que ela disse? — sempre curioso e fofoqueiro.

— Não disse. Fez. Bem dizer, ela quase lançou o seu coração num tossir quando afirmei que eles pareciam namorados. “A gaja” caiu. Graças ao teu palpite tenho mais um grande suspeito na lista.

— Então são esses! — disse ao ver a lista.

O próximo interrogatório foi marcado para o dia seguinte. Com tempo restando Mussassa aproveitou dar mais um “Rolé” no local. Sempre sem pressa alguma. Olhando detalhadamente o local.

II

Telma chegando em casa decidiu criar um grupo no whatsapp com o nome “Antologia em Homenagem a Seke”.

Mensagens de grupo:

— Oi! Chegaram bem a casa? Olhem! A Seke teve uma grande ideia e eu não quero que a ideia “morra” (desapareça). Quero que seja uma homenagem a ela — mandou em audio.

— Boa noite! Já chegamos bem. A minha cabeça está cheia no momento, mas, quando eu passar no interrogatório de amanhã, começarei a escrever. — respondeu Simi.

— Até já tenho algumas ideias, embora a situação não seja das melhores — escreveu Natarith.

— Eu ainda estou a pensar na casa G.O — escreveu João.

— Calma ela vai ser solta logo, logo — Telma.

— Amém. Então vou começar com o mambo da escrita.

Natarith adicionou Kambali a conversa.

— Não estava a entender quase nada! Mas fui lendo e agora entendi — Kambali.

— Desculpa Kambali não tinha o teu número. É tanta agitação que mal dava pra explicar tudo.

— Sem problema. Vou meter a mão na massa.

— Se todos estão de acordo podemos dar alguns critérios... — Kenny.

— Tá bom. Pode ser.

O grupo conversou activamente naquela noite, nem parecia que entre eles havia um assassino “o lobo na pele do cordeiro”.

III

Aquela manhã de Setembro amanheceu meio cinzenta. Até parecia que ia chover, mas o Lubango parece que tem um controlador climático. Ele próprio decide quando chover, mesmo em meses que não deviam chover. As últimas três

testemunhas iriam ao interrogatório; Natarith, Kenny e Simi. Contando com a Giovanna o total seriam "Oito". Mussassa estava na sala que se tornara sua casa naqueles últimos dois dias.

Ele estava reflectindo que após falar com esses últimos, teria que dar um "Fim" ao caso de maneira profissional, culpando simplesmente o culpado ou os culpados. Ele já tinha nomes em mente e alguns palpites e talvez provas... — Porra! Rompi com o protocolo. Não analisei aquela prova. Agora o que é que eu faço? Chamar o interrogado novamente, mostraria uma clara incompetência da minha parte — gritava de lamentação. — Já sei — estalou os dedos. — Vou à fonte — ficou aliviado a pensar na "fonte"

— Posso chefe! — perguntou o polícia.

— Entra, entra... Você é meu colega não entendo porquê de tanta cerimónia as vezes.

— Quem sabe o chefe estava pensando no caso e a minha entrada brusca iria atrapalhar tudo.

— Esses teus argumentos... De qualquer forma você tem razão. Fala.

— Hã! Os putos estão aí. Chamo o de óculos?

— Não, não. Deixamos ele por último. Queria fazer um mambo que esqueci, mas farei mais tarde.

— Eu posso ajudar se for importante, chefe.

— Deixa, deixa. Como disse farei mais tarde. Talvez não seja nada.

— Está bem, chefe. Quem eu chamo mesmo?

— Um dos putos que saíram juntos.

O polícia saiu de lá sem fazer mais perguntas. Ele próprio teve a autonomia de escolher um deles. Chegando lá olhou-os bem... — Você! Vamos. — Ele chamou Natarith. O jovem de um metro e setenta e três. Jeito diferente de andar; pernas arqueadas.

— Podes entrar — disse o polícia.

— Bom dia! — começou com um sorriso.

— Bom dia! Energia boa?

— Já dá e a do senhor?

— Estou bem, obrigado! Pronto para falar.

— Sim, acho.

— Então. Com quem você chegou aqui?

— Com o Kenny. Bem a intenção era vir com o Kambali, mas ele me avisou que chegaria tarde ou mesmo não apareceria.

— A que horas ele avisou isso?

— Treze e trinta — disse consultando no telefone.

— Está bom... Após Seke receber a mensagem notou algo estranho no comportamento de alguém?

— Não... Bem! Não me apercebi de nada. Se fala do facto das saídas...

— Você é muito atento. Você não acha estranho todos saírem depois que ela recebeu a mensagem?

— Se eu disser que sim estarei a me meter na lista.

— Você é um suspeito em potência, tal como um assassino nesse momento.

— Eu não fiz nada...

— A que horas Seke chegou?

— Catorze E vinte e um, acho.

— Porquê que vocês não saíram antes desse período?

— É complicado explicar isso, mas após a sua saída nós aproveitamos sair. Eu tive que procurar alguns produtos.

- Sobre isso, João disse que você saiu com, com...
- Com o Simi.
- Certo. Mas na volta vocês voltaram separados, porquê?
- Ele iria me levar para uma loja de produtos de bebes aos menos é isso que eu pensava.
- O que aconteceu?
- O gajo mal sabia onde a loja ficava. Eu fiquei irritado e descí as escadas que dão acesso ao andar de baixo; aquela que dá de frente com à Unitel.
- Ficaste tão irritado que querias matar alguém — afirmou ele.
- Não. Queria desculpar-me porque me senti mal. Por isso subi às escadas novamente.
- E a demora porquê?
- Quando subi já não o encontrei e fiquei procurando por ele. Até fui ao outro lado e nada dele.
- Ao que parece já tenho o assassino. Obrigado!
- Mas eu não disse que foi ele.
- Se ele não estava, tinha ido matar alguém.

Natarith saiu de lá stressado. Pensava ele que tinha dado o amigo de bandeja, mas também ficou pensando no que o amigo estava a fazer. E se fosse ele realmente o culpado do crime?

Mussassa chamou logo o colega, pediu-lhe que chamasse Simi. Ele queria esclarecer os factos o mais rápido possível. Sem mais demoras ele o foi chamar.

— Simi!

— Estou aqui.

Natarith passou por ele, mas olhando-o de forma estranha. Na sua mente o amigo podia ser um assassino.

Simi andou tranquilamente até à sala. Ele não sabia o que estava acontecendo. Magro, alto, bigode por fazer. — Pode chegar — disse Mussassa.

Simi notou o semblante esquisito de Mussassa — Sim.

— Onde você esteve durante o crime?

— Estava na companhia do Natarith.

— Mas tenho uma versão diferente. Natarith acaba de dizer que vocês se separaram e quando voltou lá de baixo você não estava. Então onde você estava?

— Eu estava, estava...

— Deixa adivinhar. Com a Seke. Segundo a lista que tenho, vocês foram os penúltimos a sair e por outra, você chegou em último. Você demorou tanto... Quer dizer, você de um jeito enviou a mensagem e em seguida esperou um tempo para não chamar a atenção. Usou Natarith para teres uma testemunha não foi assim que aconteceu?

— Não, não foi... Sim eu estive com o Natarith por um momento, mas não enviei mensagem alguma a Seke, pode ver no meu telefone.

— Você pode muito bem ter apagado.

— Não, não. Como é que eu mandaria a mensagem sem ninguém dar conta?

— Vocês assassinos têm muitas técnicas. Evite se afundar e conta tudo logo.

— Está bem. Natarith e eu íamos procurar umas cenas de bebes, mas não sei como, eu confundi às lojas e ele ficou irritado e desceu às escadas.

— Continua.

— Eu fiquei por lá... — olhou para o chão. — Fiquei tentando lembrar onde ficava a loja. Andei por lá alguns minutos, por esse motivo ele não me encontrou quando subiu.

— Só isso?

— Sim foi isso o que aconteceu naquele dia.

— Essa história vai ser esclarecida em breve — disse olhando-o seriamente.

Mussassa sabia quem podia confirmar a história que ele acabara de ouvir, porém ainda não podia usar a carta na manga. Faltava confirmar duas coisas; o suposto namorico de Kenny e Telma e... Aquela explicação de Simi deixou-o muito intrigado. Como ele mandaria a mensagem sem ninguém perceber? Pessoas são traídas e nem dão por isso, mesmo que for debaixo dos seus olhos. Mas o facto de supostamente andar a procura da tal loja não passava de uma grande mentira. Por outra...— Isso deixarei para o fim.

Quando ele pensava naquelas confusões de palavras, Kenny chegava com o polícia. Os óculos chamavam logo a atenção, pareciam mini-microscópios. Como um grande nerd posicionou-os bem.

— Pretende ir ao funeral? — perguntou vendo as suas roupas pretas.

— Praticamente estou de luto todos os dias, mas vou sim.

— Falas como alguém que anda farto das pessoas.

- Hum!! O mundo é louco.
- Muito louco mesmo. Onde esteve durante o crime ou melhor onde foi quando se ausentou do local do encontro?
- Fui ver a exposição do Dr. António Agostinho Neto que estava lá fora.
- Quanto tempo isso levou?
- Não sei ao certo. Tinha novidades culturais não podia ficar por lá pouco tempo.
- Amante da cultura! Sabe o que é mais louco?
- Talvez esse crime — disse em meias palavras.
- Verdade. O desenrolar desse caso. Sabe, a Telma falou algumas coisas interessantes ontem.
- Ela realmente falou algo? — pensou ele. Mussassa viu a sua expressão e logo disse.
- O namoro é algo tão bom, não acha Kenny. — As pontes dissulfeto do cabelo crespo de Kenny davam a impressão de estar a quebrar. — vocês namoram e naquele dia vocês estavam juntos.
- Sim. Estávamos juntos naquele dia. Nos encontramos mais cedo por mera coincidência.
- Estava com saudades! — disse Telma.

- Eu também meu...
- Se tivesses mesmo já resolverias essa situação.
- Saiu do conforto do abraço.
- Eu prometi que resolveria isso... As vezes são as ocupações.
- Então quando tiveres disponibilidade em ajudar, manda-me mensagem.

- Foi isso que aconteceu.
- Calma! Natarith afirmou que chegou com você.
- De facto chegamos juntos. Telma ficou chateada com a conversa que se foi embora.
- Isso significa que vocês não namoram?
- É isso mesmo.
- Está bem pode ir — Mussassa estava preocupado em verificar uma das provas que fazia o trabalho com a cabeça na lua. — Chefe! — disse o colega entrando.
- Hãh! Pode mandar os putos irem-se embora. Manda-os vir todos na terça-feira. Quero já terminar com isso, mas antes vou a uma loja ver algo.

— Está bem, chefe! — o polícia acompanhou-os até à porta de saída. Natarith e Simi iriam ao Tchioco e Kenny a Mapunda. Os três quase nem falavam até passarem a passadeira. — Então começaram a escrever? — perguntou Natarith.

— De momento estou bloqueado — disse Simi.

— Até que tenho umas ideias, mas nenhuma me agrada.

— Quanto a mim... Bem! As ideias vêm e vão, mas vou fazer um conto muito bom para a homenagear.

O táxi do Tchioco apareceu. Manos, vemo-nos amanhã. Eu vou caminhar.

— Até amanhã.

III

— Boa tarde! Preciso de ajuda. — disse Mussassa.

— Boa tarde! Como posso ajudar? — perguntou a moça que a ali trabalhava.

— Sabe! Estou investigando o caso da jovem encontrada morta aqui no sábado...— dizia ela quando foi interrompida.

— Que triste! — lamentou ela. — Quem faria tal coisa? Inclusive as pessoas já chamam “o crime dos oito”.

As pessoas sabem demais de certos assuntos que as vezes é assustador. Em seguida, elas criam um monte de boatos. — É mesmo esse caso. Preciso verificar algo se não se importar.

— Sim é claro.

— Preciso de...— conversou calmamente com a moça. Ela como queria contribuir para a resolução do caso procurou com muita paciência o que lhe foi pedido. — Está aqui. Sábado.

— É mesmo este... Deixa-me ver... Ele mentiu — disse passando a mão no rosto. — Nesse caso só essa pessoa pode muito bem ter cometido o crime. Ela teve muito tempo para tal.

Agora com isso, o caso ficava mais picante. Mussassa saiu de lá correndo na busca do seu colega. Por sorte, ele ainda estava por lá.

— Tudo era mentira meu colega, tudo, tudinho — afirmou com brilho nos os olhos.

— Não estou a entender nada, chefe!

— Você vai entender em breve quando eu revelar o autor do crime.

— Então o chefe já descobriu!! — exclamou de admiração.

— Já, já. Havia uma pessoa mentindo e muito.

— Como o chefe descobriu isso?

— Deixei-me levar pelo crime que mal verificava tudo o que era me dito. Quando me lembrei disso corri logo verificar tudo e é aí que descobri.

— Amanhã será o grande dia — disse o colega feliz.

— Mas pra isso vou precisar de uma grande ajuda sua. Gosta de teatro?

— Nunca foi muita apreciadora. Foi muito cedo para à guerra que mal tinha tempo para isso. Talvez quando os colegas meus brincava um pouquinho para se distrair.

— O trabalho será fácil. Você apenas precisará de ler alguns dizeres que eu apontei neste bloco de anotações... São palavras ditas pelos interrogados.

— Reproduzir o que eles disseram parece não fazer o menor sentido chefe.

— No momento parece não fazer, mas amanhã, fará todo o sentido desse mundo. — disse virando as costas.

— O chefe vai sair?

— Sim. Tenho que resolver mais uma cena para terminar o caso de vez. Já teria terminado o caso se tivesse olhado nessa perspectiva.

— Então ficarei lendo todas as anotações enquanto espero pelo chefe.



Capítulo 7

I

Dia ensolarado. Último dia que aquele grupo de jovens iria se reunir. Para muitos o caso tinha ficado daquele jeito; Giovanna era a criminosa/assassina. Mas para Mussassa, o caso “Os oito e o Crime” só terminaria naquela manhã. Ele trataria de esclarecer tudo, confirmar se Giovanna era realmente a assassina ou não.

Como sempre chegou cedo para reflectir claramente no que ia dizer. Inclinou a sua cadeira e a balançava suavemente, enquanto olhava para o tecto. Começava a movimentação no grande Millennium. Eram oito horas; horário que normalmente às lojas e os bancos começam a funcionar... Mussassa pôs-se em pé, caminhou pela sala... Ouviu passos no corredor. Pelo barulho só podia ser dos sapatos do seu colega. — Pode entrar, tio Mário! — ele admirou logo que ouviu ser chamado a entrar — O chefe agora tem poderes? — disse brincando.

— Não disso, apenas ouvi-te chegar. Então conseguiste ler?

— Conseguir de conseguir “consegui”, mas aquilo de decorar “ nadaaa ” chefe.

— Decorar! — exclamou. — Não me lembro de ter pedido isso, porém, deixa assim. Hoje todos ficaremos aqui. Cada um vai ouvir o que os outros disseram, isso aumentará a tensão entre eles. Logo que eles chegarem, mande-os vir aqui... Hã! Quase me esquecia. Giovanna também estará cá.

— O chefe pensou em tudo mesmo, “yhea”.

— É um caso que valeu muito a pena.

Enquanto eles conversavam, os putos chegam ansiosos por saber as conclusões do caso. Como de costume, dirigiram-se à Suculenta, mas o polícia Mário levava-os para antiga Texto Editora. O encontro foi marcado para às oito e meia, ordens recebidas por chefe têm que ser cumpridas na linha. — Sejam bem-vindos! — começou Mussassa. — Finalmente chegou o dia em tudo será revelado. Aqui não seria o local apropriado para fazer isso, que tal ir ao local do vosso primeiro encontro? — todos o olham sem entender o porquê da mudança de local repentina. Mas os jovens mais uma vez obedeceram e caminharam até a Suculenta.

Chegando por lá, o polícia pediu o especial favor de não serem incomodados, pois estavam de trabalho, mas os mesmos não interromperiam de alguma forma o trabalho deles.

— Foi aqui onde tudo começou. Mentiras foram contadas — disse olhando para o papel publicitário da Suculenta. Mussassa pediu que eles se sentassem da mesma maneira que se sentaram no sábado. Para isso, ele deve que se levantar e o policia Mário ocuparia o lugar da Giovanna. Preferiu ele prosseguir com o caso em pé, porque havia ficado muito tempo sentado nos últimos dias.

Posicionou bem as vestes. — Vamos começar o caso do inicio, mas desta vez com todas as partes que faltavam e com todos a contribuírem. Segunda, o primeiro interrogado, o João. Ele chegou com a suspeita e Carlito, e o mesmo afirmou que após chegarem eles ficaram esperando até a chegada do outro, certo.

— Sim foi isso que eu disse — confirmou ele.

— Obrigado! Antes de prosseguir, quero que saibam “Que vocês tinham o direito de ficar calados, mas agora tudo que vocês disseram será usado contra vocês”. A minha mãe usava muito essa técnica para “apanhar mentirosos” em casa — disse com um ligeiro sorriso. — Quatro pessoas estiveram com Seke após ela ter saído... Já temos a Giovanna, faltam outras três pessoas. Dos quais “O assassino”.

Os convidados **“Os oito e crime”**, simplesmente encaram a coisa de forma estranha. Não posso ser único a

falar. Então vamos logo começar. Tio Mário, leia, por favor, o que o primeiro interrogado disse. — Pediu-lhe. O outro abriu o bloco de anotações...

— “Foi ao W.C de baixo por que o de cima estava fechado” — leu ele.

— Continua, por favor!

— Sim, chefe. “Ele confirmou que apenas ficaram esperando pelo outro” nesse caso como é que ele sabia que o W.C de cima estava fechado? — os olhos de Carlito delataram; ele não esperava tal pergunta.

— Essa foi a primeira mentira contada e mesmo que não mencionasses isso durante o interrogatório, João já teria te colocado como suspeita. — Carlito ainda estava em pânico. — Agora vejamos: de onde estávamos (mesa mais ao fundo) quem poderia afirmar qual dos caminhos Seke seguiu naquele dia? Ela poderia muito bem ter descido às escadas como poderia seguir pelo Banco BCI e consequentemente acabar chegando no local do crime. Mas apenas o senhor Carlito pode nos confirmar isso, não é?

— Eu! — exclamou com à boca seca.

— Carlito deixa de dificultar o meu trabalho, mas se não quiser falar eu digo. — Aquilo era um ataque bem elaborado de Mussassa. — No dia em que cheguei por aqui e

vos encontrei no desespero... Analisei muito bem cada um de vocês e sabe o que eu vi? — perguntou fazendo suspense — Algo branco “mancha” na sua camisa, do lado esquerdo para ser mais específico. Lembra da conversa de pó de mulheres (base)? Ao menos que conhecesses outra pessoa por aqui, eu diria que você esteve com a Seke após a sua saída daqui por que ela usava base e pela diferença de altura, você deve tê-la abraçado.

Todos olharam para Carlito com suspeita. Se ele esteve realmente com a Seke como Mussassa dizia, era bem provável que foi ele o assassino. — Não olhem para mim assim — disse chateado. — Sim, eu estive com ela sim, mas não a matei. Eu sabia que se mencionasse isso, talvez seria visto como culpado como agora, mas não fui eu.

— Quero ouvir a história — disse Mussassa.

— Eu ia para o W.C quando vi Seke sentada no banco que está em frente ao Banco BCI e fui conversar com ela. Eu abracei-a e disse que daríamos conta do recado... Mas ela parecia não estar nesse planeta, parecia ansiosa e olhou duas vezes para o telefone. Achei que estava a incomodar, então fui embora.

— E quem pode confirmar essa história? — perguntou o polícia Mário.

— Juro que é verdade... Fui mesmo ao quarto de banho por causa de uma cena.

— Apenas queria confirmar algo... Como podem ver, as mentiras começam a aparecer e agora não adianta dizer mais nada. Vamos continuar.

— Prossigo com a leitura, chefe?

— Claro que sim. As próximas palavras lidas serão de Giovanna... Durante a interrogatório dela, esqueci-me de perguntar algumas cenas. Falha minha, então fui falar com ela novamente e ela disse... — tio Mário entendeu o sinal e começou.

— Sim, além de Carlito e João, conheço também Kenny e Telma...— parou ele confuso.

— Hãh! A pergunta que fiz também está escrita... Eu a perguntei que tipo de relação tinha com Kenny e Telma? Por favor tio Mário!

— Telma é minha amiga e quanto ao Kenny, Bem... Ele foi meu namorado — o universo conspirou a favor de Mussassa, fazendo-a aparecer naquele mesmo instante.

— Seja bem-vinda, Giovanna. Por acaso, sabias que a Telma e o Kenny estão de namorico? — Giovanna ficou

calada por uns instantes, apenas olhava-os de cima para baixo... O tio Mário tinha razão “o olhar é muito expressivo”.

Os dois ficaram calados também... — Nós não... — dizia Kenny, mas foi interrompido.

— Kenny para! — apelou Telma.

— Obrigado! — a tensão começara a ficar bastante alta. — Agora que isso foi esclarecido, posso afirmar que vocês estiveram juntos no sábado. Telma disse que usaria o ATM do Banco BAI, porque o do BCI estava sem papel. Bem! Pelo seu azar, eu percorri o edifício no mesmo dia... Pela tua surpresa eu vi pessoas nesse mesmo ATM. E sabe mais o que vi? — naquela pausa dramática novamente. — Papel E dinheiro — Telma ficou sem jeito após ouvir aquilo.

— Sim, estávamos juntos — começou Telma entre olhadas mortais com G.O. — Mais cedo cruzamos no governo provincial e tivemos uma conversa.

— Aposto que o tema foi “Seke”.

— Sim, sim...— respirou fundo — Kenny e G.O terminaram o relacionamento já há algum tempo e aí...

— Você foi se oferecer de bandeja né (não é) sua... Sempre com aquelas conservas moralistas, mas no fundo és

mais uma falsa. Conta, conta tudo... Você e esse cão encontraram-se lá em baixo, maquinaram um plano de falar com ela e quando não deu certo a mataram ou melhor um de vocês a matou, enquanto o outro dava cobertura né? — perguntou ela muito nervosa.

— Acalmem-se! — disse Mussassa.

— Desculpa! Nós íamos contar tudo em breve, mas a Seke descobriu muito rápido e nos pressionava a contar... Ela não achava correcto o que estava a acontecer, mas nós não a matamos. Como disse tínhamos a intenção de falar com ela; no dia em questão, Kenny e eu nos apanhamos lá em baixo para terminar a conversa que começamos mais cedo.

II

— Epah! Esse pedido está a demorar. Enquanto vocês esperam eu vou dar uma olhada na exposição que está fora — disse Kenny saindo também minutos depois do Carlito.

— Deixa lá disse páh — Telma a chamou a atenção. Eu também quero usar o ATM. Quero fazer uma transferência.

— Vais nesse do BCI? — perguntou João.

— Esse não tem papel, vou lá em baixo. — disse saindo deixando alguns minutos passar após a saída de Carlito e Kenny.

Telma desceu às escadas controlando no movimento dos demais. Kenny estava parado na esquina esquerda ao lado do Banco BAI por detrás da Loja de Acessórios de telefones. Aquele lado é pouco movimentado... Eles podiam conversa sem serem incomodados.

— Tens que encontrar ela antes que volte.

— Eu já disse que vou resolver isso hoje.

— Nunca se sabe quando o seu humor vai mudar e dar com a língua nos dentes.

— Não ser muito difícil a encontrar. Aqui não é assim tão grande.

— Então começa... Porra devíamos falar com a G.O e tudo estaria resolvido.

— Epa! Vou tentar encontra-la, mas se não a encontrar vamos falar a G.O, também já estou cansado dessa merda... Depois então.

III

— Foi isso que aconteceu — afirmou ela.

— E o quê que o Kenny fez depois?

— Não sei... Kenny?

— O que foi? Simplesmente não tive coragem de falar com ela e fiz um compasso de espera.

— Covarde como sempre — disse G.O.

— Covardia a merda — respondeu chateado. —, só não que ferir os teus sentimentos...

— Desculpem interromper o início de um pequeno apocalipse, mas precisamos trabalhar. O que fez Seke sair da mesa? Por favor tio Mário!

— Ela recebeu uma mensagem.

— Todos vocês com exceção do Kambali ouviram o toque da mensagem, mas quando pedi para desbloquearem o telefone, o mambo ficou ainda mais interessante... Não havia nenhuma mensagem de sábado.

Todos acenderam os olhos de admiração. Pareciam gatos.

— Não pode, nós ouvimos muito bem. — disse João.

— O João tem razão nós ouvimos. Disso temos a certeza — concordou Natarith.

— Chefe! A mensagem pode ter sido apagada... Quem sabe ela estivesse numa situação meio...

— O efeito money! — exclamou G.O

— Você acha que ela estava numa relação? — perguntou Telma.

— Isso pode ser verdade, a mais pura verdade. Isso explica muito bem o tal efeito Money... Quer dizer ela fez uma viagem e do nada volta com os bolsos cheios.

— Você mazé está aí a inventar essa história toda para se ver livre das acusações — disse Carlito.

— Ela morreu há poucos dias. Devias ao menos respeitar isso — disse Kambali. — Mas, você pode ter razão. Lembram daquele senhor que matou uma jovem, acho que foi em Benguela ou Luanda e a enterrou no pátio do colégio?

— Vocês estão a sugerir que ela teve uma relação durante a viagem!?! — perguntou Simi meio confuso com o rumo da conversa.

— Sim é isso mesmo. Talvez ele a seguiu até aqui e quando foi rejeitado a matou — afirmou Telma.

— Um psicopata! — observou Kenny — Mussassa simplesmente ouvia a conversa sem opinar.

— Psicopata não, obsessivo. — Corrigiu G.O.

— O que o chefe acha disso tudo? — perguntou o tio Mário num sussuro.

— Uma perca de tempo. Mas numa coisa eles têm razão: ela estava mesmo numa relação e o gajo talvez é mesmo obcecado. Nós já vimos e vemos casais se matando por ciúmes.

— O que leva o chefe afirmar isso?

— Essa pessoa é esperta, quase não a notei...— ele calou-se e voltou-se para os putos. — Hum! Conversa interessante! Enquanto vocês trocavam algumas palavras eu e o meu amigo aqui também fazíamos o mesmo, porém o assunto é apenas um quem matou Seke? Eu afirmei que quatro pessoas estiveram com Seke antes dela morrer e depois dela morrer... Giovanna estava com ela morta e Carlito você já sabe.

Agora falta-nos duas pessoas, o namorado e a segunda pessoa. Talvez vocês tenham razão e o suposto namorado esteve aqui mais cedo. Antes de chegarmos até aí, vamos ouvir pela primeira vez a declaração da Giovanna de como ela chegou até onde estava Seke.

Todos voltaram as atenções para Giovanna. — Bem! Naquela tarde de sábado...

— Eu quero ver uns artigos de bebé. Só não sei onde ficam.
— disse Natarith.

— Felizmente eu sei onde ficam. — respondeu Simi. —
Vamos que eu te mostro.

— Já estou irritada, vou apanhar ar.— saiu Giovanna.

— Ao menos fico com toda a comida. — afirmou João
feliz...

Fui a última a deixar a mesa. Nessa altura é bem provável que todos já estavam nos seus lugares. Desci as escadas, passando pelo Banco BAI, segui em frente, virei à esquerda, passando pelo quiosque. Há uma escadaria que leva ao andar de cima, passando a Travel Gest à direita e a SAHAM— Angola Seguros frente, dando às costas à Unitel. Subi alguns degraus e parei ali para fumar. Dei às costas para o lado de cima. Com a calma, podia fumar em paz. Fiquei ali tranquila... Quando o meu cigarro estava quase a acabar vi alguém passando rápido.

Mal a vi. Mas sabia que era homem, devido o cabelo; volumoso. Ele parecia ter muita pressa. Assim que ele passou, subi o resto dos degraus que faltavam, virei à esquerda, passando pelas Gaiolas para pássaros e uma lojinha bonitinha de animais. Seguindo frente o corredor...

Vi um corpo, me aproximei e era Seke... Fiquei em pânico por isso gritei.

— Bem! Essa versão da história não sabia, até ontem. Lembrei-me que a nossa conversa foi muito vaga, não tinha feito as perguntas certas, por isso obtive as respostas erradas. Graças a essas partes pode ver a verdade nessa trouxa de mentiras. Agora que ouviram em que conclusões vocês chegaram?

— Que o cabelo volumoso estava na cena do crime. — respondeu tio Mário de um jeito cômico.

— Ele provavelmente a matou. — afirmou João.

— Três dos nossos convidados têm cabelos volumosos, Kenny, Carlito e Simi e se descartarmos Kenny e Carlito que estavam no andar de baixo, ficamos com Simi, a pessoa cuja ausência duvidosa ainda me deixa confuso. Se Giovanna foi mesmo a última a sair, isso daria tempo ao casal de romper os laços numa discussão... Enquanto Giovanna passava, Telma sem a ver, Natarith estava procurando Simi e quando não o encontrou voltou ao local do encontro. Nesse momento, Telma já estava de volta. Carlito, em seguida, após resolver o pequeno problema com o W.C. Kenny veio a seguir... Depois de fazer um contratempo. Durante esse tempo Giovanna estava a fumar e Simi? A propósito, você foi o último a chegar né?

— Tio Mário pode ler a declaração de Simi?

— Com muito prazer chefe — Eu fiquei por lá. Fiquei tentando lembrar onde ficava a loja. Andei por lá alguns minutos, por esse motivo ele não me encontrou quando subiu — terminou com um sorriso. Certamente em sua cabeça pairava a frase “te apanhamos assassino de merda”.

Ninguém mais entendia quem era de facto o assassino. Parecia que Mussassa estava jogando com as suas mentes. Quase todos ali estavam de certo modo envolvidos até ao pescoço. Em cada declaração aparecia uma nova suspeita.

— Chefe já temos o nosso gajo — gritou de alegria. Tio Mário celebrava pela vitória. — Agora fala — ordenou ele.

— Na verdade — começou. — Eu andava por lá... Mas já tinha encontrado o corpo. Saiu de lá com as corridas para avisar os outros, por esse motivo cheguei cansado, porém não demorou muito até ouvirmos o grito da Giovanna.

— Então você sabia disso e não falou nada? — perguntou João.

— Agora imagina se contasse isso no sábado? Ninguém acreditaria em mim.

— Seu merda! — gritou Giovanna tentando bater Simi.

— Calma, calma! — gritou tio Mário intervindo. Devido a confusão e o barulho um dos funcionários pediu que fizessem pouco barulho. O gajo estava com medo de pronúncia as palavras “podia por favor não fazer muito barulho!”. Aqueles gajos para quem ele se dirigia eram da polícia. Mussassa pediu desculpas e advertiu-os com o olhar. A situação já era delicada e aquilo não ajudava.

— Você podia muito bem ter dito a verdade. Mas será que isso não te pesou na consciência?

— Pesou sim, mas... Desculpa.

— Vai te foder com as tuas desculpas.

— O real motivo do teu cansaço foi a luta que tiveste com a vítima. Você não bate em alguém sem que a mesma reaja. Depois da reacção, você ficou cansado e fugiu chegando lá todo partido, deixando a coitada sendo acusada. — afirmou tio Mário.

— Não foi isso. Porquê que eu a mataria?

— Isso quem nos diria é você gajo.

— Tio Mário, ele podia ser muito bem o culpado, sem álibi e sem uma boa história. Tudo o que resta pra ele é a cúzo, mas eu disse que eram quatro pessoas que viram

Seke viva e morta naquele dia. E pelas contas já temos três; Carlito, Giovanna e Simi.

— Então essa quarta pessoa é o assassino?

— Talvez sim, talvez não. — disse cruzando os braços.
— Esse mambo! Esse mambo!

— Desculpa! Mas o senhor citou um namorado. — disse Natarith.

— Sim. Na verdade, apenas segui a vossa linha de pensamento. Se todos os mambos foram resolvidos, falta agora a “mensagem”.

— Mas o senhor disse que não havia mensagem. — disse Telma.

— Aí está o problema. Como é que sete pessoas ouvem o toque do que se parece uma mensagem e a mesma não existe.

— Talvez ouvimos mal — respondeu Kenny.

— Não, não. Uma pessoa ouvir mal é uma coisa, agora sete! É um fenómeno muito estranho.

— O quê que o chefe está a pensar.

— Se essa tal mensagem foi o motivo dela ter saído, ela seria encontrada no telefone.

— Sim. E se a pessoa a apagou?

— Não foi isso. O tio Mário usa Whatsapp?

— Sim chefe.

— O segredo da mensagem está no Whatsapp. Vocês devem saber que é possível mudar o toque de notificações.... Vocês ouviram o toque de notificação do Whatsapp. Qualquer pessoa pode mudá-lo, fazendo parecer o toque de uma nova mensagem.

— Como o chefe soube disso?! — perguntou admirado.

— Os dados estavam ligados... Porque é que os dados estariam ligados? Ninguém deixa os dados ligados à toa. Desconfiava que havia algo a mais, até ouvir o toque quando ligamos o telefone. Mulheres populares têm sempre um monte de grupos para fofocar. Vi um acúmulo de mensagem até achar a que dizia “estou a caminho”, resposta dela para um número não gravado, cuja mensagem foi apagada pela pessoa que mandou, ao parece ela não queria deixar provas — todos os olhavam com admiração. Não era todos os dias que se via um trabalho assim. — Sem um nome seria difícil encontrar a pessoa.

— Então isso é um tiro no escuro — perguntou João.

— Se você quiser atingir um alvo no escuro, você não pode usar uma arma que dá apenas um tiro de cada vez, invés disso você deve usar uma metralhadora, ela dispara várias balas de uma só vez, dessa maneira você consegue atingir o alvo que está no escuro. — disse metáforicamente.

— O quê que isso quer dizer? — perguntou Kambali.

— Você precisa olhar para vários pontos de uma só vez. Se assim não olhasse talvez mais uma pessoa errada estaria na pressão ainda hoje. Chega de dar voltas e vamos logo terminar com isso.

V

— A partir de agora, eu só vou falar e não quero ser interrompido — disse sério e todos fixaram os seus olhares nele. — Oito pessoas foram convidadas para uma saída cujo objectivos eram invisíveis para todos. Alguns partilhavam uma história fora daqui e outros nem por isso. Alguns até tinham motivos para matar e outros aparentemente mais ainda — fez uma introdução.

O mambo todo começa quando Seke recebe uma mensagem e saí. Por mais estranho que pareça, os convidados também saem e depois ouvi-se o grito e pam “Giovanna ao lado do corpo”. No início eu achava que o caso fosse rápido... Ouvir algumas declarações e encerrar o caso,

mas vocês começaram a mentir. Por isso antes de seguir em frente, queria acabar com as mentiras e segredos.

Ontem lembrei-me que não tinha ouvido toda a declaração de Giovanna, por isso foi até lá com vos disse. Mas, além disso havia me esquecido de examinar uma prova, falta de atenção ou talvez porque pensava na rapidez do caso. Quando notei isso foi atrás do prejuízo. Tinha sido totalmente enganado.

Essa pessoa foi muito esperta. Ela esteve aqui mais cedo que todos vocês, provavelmente, premeditando isso ou simplesmente teve sorte. O tempo! O tempo foi um recurso muito bem usado por ela (a pessoa). Deixa tentar descrever com tudo aconteceu naquela tarde.

1» Ela chegou aqui mais cedo, examinou o local e pôs-se à espera;

2» Estando aqui seria fácil mandar a mensagem. Após mandá-la, viu Carlito conversando com Seke e hesitou. Para não ser visto, ela tinha de estar naquele bar que fica à esquerda do Banco B.C.I.

3» Após Carlito ter deixado Seke, o lobo viu a ovelha andando e chamou para uma conversa. A conversa foi longa. Carlito já tinha descido, Kenny e Telma segredava suas preocupações. Enquanto Natarith e Simi preparavam-

se para sair, a discussão começou. A pessoa a bateu contra o pilar e voltou ao bar esperando voltar em cena.

4» Seke já estava morta quando o casal entrou em choque. Simi andava por lá enquanto Giovanna subia para fumar. Telma e Natarith já tinham voltado à mesa. Simi viu Seke e correu para pedir ajuda. Enquanto isso, Giovanna seguiu até ao corredor e gritou fazendo que a pessoa ficasse fora da jogada o tempo todo.

— Gostaria de me corrigir, Kambali?

— Kambali!! Só pode ser um engano, eu vi-o chegar.

— Dando a ele um álibi perfeito. Na verdade, ele tinha muitos álibis. Você e o recibo de compra do saldo.

— Parece não fazer sentido, mas tenho provas do que vos falo. Treze e trinta foi a hora que Natarith afirmou ter recebido a chamada de Kambali.

Prova 1: “o recibo de compra de saldo” — como outros recibos mostram a hora exacta da compra esse aqui não é diferente. Treze e trinta. Essa foi a hora da compra. Não tinha percebido isso até voltar à Massonjo e pedir que a moça procura-se o nome “ Kambali ” por sorte os recibos têm cópias em caso de reclamação. O que significa que a chegada de Kambali às quinze e quinze não passava de uma simulação.

Prova 2: “o número desconhecido”. Não o rastreei como devem estar a pensar. Fiz algo muito simples. Fui até a loja da Unitel e mostrei o número... Adivinhem em que nome está registado? Se vocês optaram por “Kambali” vocês acertaram. Ele comprou um novo ship recentemente. Ele mandou a mensagem.

Ao ouvir Giovanna falar de um suposto namorado, Kambali logo abriu à boca, aumentando mais lenha na fogueira. Tive que seguir outro roteiro para o deixar mais tranquilo, porque sabia que a palavra namoro assustaria você. Como sempre esperto, mas isso nos leva a terceira e última prova.

Prova 3: “o áudio”. Após confirmar o nome do proprietário do ship, procurei pelas vossas conversas. Como disse, você é esperto. Apagou algumas conversas, fazendo parecer que não passavam de amigos, mas, você, por um pequeno engano, esqueceu de apagar uma mensagem ou apenas a apagaste apenas para você, acabando por lixando.

Tive a ousadia de trazer o telefone. Agora fiquei com uma dúvida. Porque não levar o telefone? Também não ajudaria em nada. Agora podemos ouvir.

“Oi! Estás bem? Espero que sim. Olha vai ser complicado ouvir isso, mas... Essa relação... Quer dizer, a

nossa relação já não está a funcionar algo tempo... Acho melhor terminarmos”.

— Vocês queriam um assassino? Aí está ele, a vossa frente. Tio Mário pode prendê-lo pela morte de Seke. Giovanna, você está oficialmente livre.

— Muito obrigado! — gritou ela abraçando-o

— Ele só vai assim?! Sem falar nada? — perguntou Telma.

— Porquê que você fez isso Kambali? — perguntou Kenny.

Perguntas e mais perguntas. Kambali apenas ouvia sem emitir nenhum som.

— Declarações só na esquadra. — disse o tio Mário. — O resto fica por conta dos jornais.



Os Oito e o Crime

(NB-Zone-Mania)

Bernardo Luis B-Track

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

Belson Pedro Raimundo Hossi



Todos os direitos desta obra reservados a

Bernardo Luis B-Track

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "**CPLP**" "**SADC**" e "**PALOP**"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

"PAÍSES" AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA

Esta obra está sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais –

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.

